

H. Masuda Goga (1911-2008)

Edson Kenji Iura

Recentemente falecido aos 96 anos de idade, Hidekazu Masuda, mais conhecido pela alcunha poética de Goga, foi haicaísta e estudioso do haicai, compondo tanto em português como em japonês. Foi seguidor de Nempuku Sato, mestre responsável pela divulgação do haicai entre os imigrantes japoneses no Brasil. Em maio de 1987, participou da fundação do Grêmio Haicai Ipê. Em agosto de 1993, liderou a fundação do Grêmio Haicai Caleidoscópico, tendo em vista o estudo e a composição de haicais encadeados (*renku*). Suas pesquisas sobre o haicai no Brasil remontam a 1936. Travou relações de amizade com os poetas Jorge Fonseca Júnior e Guilherme de Almeida, com quem trocava idéias sobre a composição do haicai, tomando como exemplo o modelo japonês. No Japão, foi associado à revista "Yuki", de orientação tradicional, editada por Kôka Muramatsu. Em 2004, recebeu o "Masaoka Shiki International Haiku Prize", por seu esforço na divulgação do haicai.

Embora já escrevesse a seu modo, foi ao conhecer o mestre Nempuku Sato (1898-1979), em 1935, que verdadeiramente mergulhou na prática do haicai. Nempuku foi um imigrante como Goga, encarregado de cultivar a arte do haicai entre os japoneses no Brasil por ninguém menos que Kyoshi Takahama, a figura dominante do haicai japonês durante toda a primeira metade do século 20.

Prontamente, Goga mostrou ser um discípulo dedicado e, ao lado de tornar-se um poeta de haicai, colaborou intimamente com seu mestre na divulgação do haicai entre os imigrantes, especialmente depois da Segunda Guerra, quando se tornou jornalista na então florescente imprensa nipo-brasileira.

Apesar de batalhar pelo haicai em japonês, Goga nunca se confinou aos limites da comunidade nipo-brasileira e sempre manteve inten-

sa troca de informações com poetas e intelectuais brasileiros sobre a possibilidade de se escrever haicai em português.

O haicai foi trazido ao Brasil através da leitura de orientalistas europeus (especialmente franceses) e foi a partir disso que poetas brasileiros começaram a escrever haicais nas primeiras décadas do século 20. Naquele tempo, o haicai foi entendido como uma forma fixa breve, de 5-7-5 sílabas. Era um pequeno molde poético a ser preenchido com uma pequena porção de sentimentalismo, graça ou sabedoria (e, em décadas recentes, de iluminação zen-budista).

Contra essa concepção, Goga sempre pregou a necessidade de se observar os valores tradicionais do haicai japonês, como objetividade e *kigo* (palavra de estação: atividades humanas e entidades da natureza, tais como fenômenos climáticos e espécies da fauna e flora, mais representativas de cada estação) aos não-japoneses que vinham a ele em busca de orientação. Mas ele não estava apto a reunir um número significativo de seguidores até 1987, com o surgimento do Grêmio Haicai Ipê. Goga, inicialmente um de seus fundadores, foi rapidamente elevado à categoria de mestre do grêmio, impondo naturalmente sua liderança e visão estética ao resto dos membros.

Desde sua fundação e sob a orientação de Goga, o Grêmio Haicai Ipê tem sido uma referência para o estudo e a reflexão sobre o haicai em português no Brasil. Através do trabalho de seus membros, os conceitos do haicai tradicional japonês têm sido adaptados e divulgados pelo país, com atenção especial para a identificação e uso dos *kigos* nacionais, considerados por Goga como o núcleo do haicai em qualquer língua.

Na verdade, pela concepção de Goga, o haicai é uma poesia de características universais e adapta-se a qualquer cultura do mundo, tor-

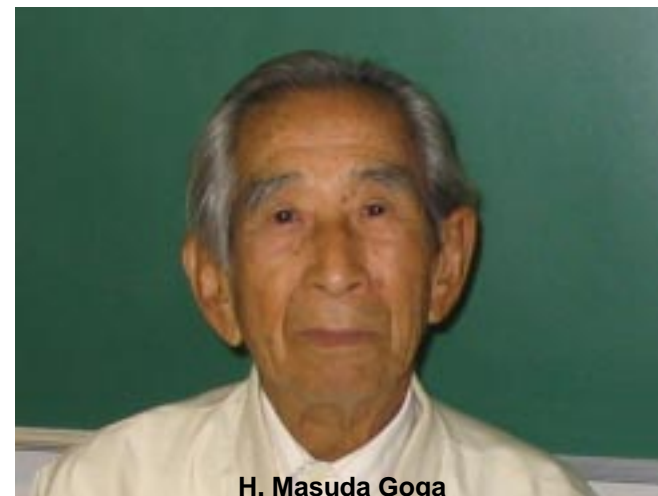
nando-se poesia nacional através da aplicação de *kigos* locais. Neste sentido, ele considera que o haicai escrito em japonês por imigrantes japoneses vivendo no Brasil é poesia brasileira, por causa dos *kigos* brasileiros que utilizam.

Como seu mestre Nempuku, Goga entendeu a necessidade de aclimatar o haicai original a sua nova terra, percebendo que Brasil e Japão são perfeitamente antípodas e que a direção dos ventos, as estações, os pássaros e as flores eram em tudo diferentes de seu país de origem. Em 1995, Goga publicou "Shizen Fûe", um dicionário de *kigos* brasileiros em japonês, seguido por sua contraparte em português, "Natureza, berço do haicai", em 1996. Este é o primeiro dicionário de *kigos* em português e é hoje uma referência do haicai brasileiro.

Por muitos anos, Goga também selecionou haicais para publicação, quer em japonês ou em português, em revistas e jornais, permitindo o surgimento de uma cultura de haicai entre os leitores, sempre baseada nos valores tradicionais e na cuidadosa observação da natureza, com a identificação subsequente dos *kigos* brasileiros, que Goga defendeu por toda a sua vida.

Goga também co-organizou uma importante antologia de haicais brasileiros ("100 haicaístas brasileiros") e a primeira antologia de haicai latino-americano de que se tem notícia ("Antologia do haicai latino-americano").

Em paralelo às atividades no campo do haicai, Goga introduziu com sucesso a prática dos versos encadeados (em japonês: *renku* ou *renga*) no Brasil. Ele o fez inicialmente em japonês, entre poetas imigrantes, a partir de 1984. Até 1997, este grupo terminou cerca de 60 seqüências de versos encadeados. Em 1994, Goga introduziu a



H. Masuda Goga

prática em língua portuguesa junto a um grupo de poetas brasileiros, que hoje continua produzindo independentemente do mestre.

Não podemos esquecer a importante contribuição de Goga à historiografia do haicai brasileiro. Seu livro "O haicai no Brasil", publicado em 1988 como uma obra pioneira rastreando a história do haicai em língua portuguesa no Brasil, é hoje um clássico, citado em todas as bibliografias sobre o assunto.

Seu último trabalho foi a versão para o japonês dos haicais de Paulo Franchetti, professor titular da Unicamp e reconhecido estudioso do haicai. Os versos originais de Franchetti e as traduções de Goga foram reunidos em uma edição bilingüe com o título "Oeste", lançada poucos dias após sua morte.

Hoje, graças ao trabalho de membros do Grêmio Haicai Ipê, diretamente inspirado por Goga, conceitos como *kigo* e *aqui-e-agora* são bem conhecidos e estão no centro das discussões sobre o fazer do haicai e dos versos encadeados no Brasil. Desde então, muitos haicaístas talentosos têm sido revelados. A prática do haicai em português finalmente atingiu um bom paradigma, longe de ser apenas uma forma poética exótica e afetada.

Todos esses resultados não teriam sido possíveis sem o trabalho de Goga, que entendeu como romper barreiras, unir culturas e fazer amigos através do haicai.

Edson Kenji Iura pertence ao Grêmio Haicai Ipê.

Editorial

No dia 18 de junho comemoramos o centenário da imigração japonesa no Brasil. Inúmeras manifestações em todo o país marcam os cem anos da chegada dos japoneses. Entretanto as comemorações não foram marcadas apenas de alegrias, porque as Letras japonesa e brasileira perderam o Mestre Goga.

H. Masuda Goga, matéria de capa dessa edição, de Edson Kenji Iura, mostra a trajetória do mestre haicaísta na divulgação e na difusão do gênero poético de origem japonesa. O Brasil e o Japão perderam um dos nomes mais expressivos das letras dos referidos países.

Goga, ao longo desses anos, desde a fundação do O Grêmio Haicai Ipê, vem orientando os membros da entidade e semeando o haicai.

Os primeiros imigrantes japoneses saíram do porto de Kobe no navio a vapor *Kasato Maru* que chegou no porto de Santos no dia 18 de junho de 1908. A viagem durou 52 dias. Os 781 imigrantes japoneses foram contratados pela Companhia Agrícola Fazenda Dumont para trabalhar em fazendas paulistas.

Os imigrantes que chegavam ao Brasil hospedavam-se na Hospedaria do Brás, por cerca de oito dias, até conseguirem trabalho e para descansar da longa viagem. Em 1908, 830 imigrantes japoneses ficaram hospedados na Hospedaria do Brás.

O número de imigrantes japoneses, que vieram para o Brasil, aumentou consideravelmente de 1917 a 1940, em decorrência da I Guerra Mundial em 1914. A maioria veio para o estado de São Paulo para trabalhar em cafezais.

A colônia japonesa vem contribuindo para o crescimento do nosso país e da nossa cidade. Atualmente a maioria dos japoneses atua nas mais diversas profissões. Grande é a sua contribuição para as nossas Letras e Cultura, a prova disso é o Grêmio Haicai Ipê.

Esperamos que as sementes que o mestre Goga plantou, germine flores e frutos. Que o haicai seja cada vez mais difundido e divulgado no Brasil.

CUPOM DE ASSINATURA

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Bairro: _____ CEP: _____

E-mail: _____ ☐ : _____

Assinatura Anual: R\$ 42,00 - Semestral: R\$ 21,00

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902 -

São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - **Site:** www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 – São Paulo – SP – 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal – Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 – **CCM:** 96954744 – **I.E.:** 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana* - R Tiradentes, 647
- Piracicaba – SP – 13400-760

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

Os impérios também morrem

Rodolfo Konder

As águas geladas do Rio Sagrado dos Incas, o Vilcanota, ou Urubamba, acariciam sítios arqueológicos como Písaq, com seus palácios, túneis, jardins e mausoléus, atravessam os povoados de Iscuchaca, Huarucondo, Pachar, Ollantaytambo e Chilca, sempre ganhando volume e velocidade, ora espremidas entre os paredões de um canyon, ora espalhadas sobre pedras, passam por Pampacahua e Águas Calientes, nervosas em suas corredeiras, chegam aos pés de Machupicchu, sob o olhar tranquilo de alpacas, lhamas e índios, e seguem em busca do seu destino de grande rio amazônico.

Pelo mesmo caminho das águas desciam também, séculos atrás, soldados, mulheres, camponeses e sacerdotes de um império que se estendia do Equador ao Chile – de acordo com as divisões geográficas de hoje –, cobrindo a extensa costa do Pacífico e avançando pela Cordilheira adentro, sem medo da topografia hostil ou das incertezas da conquista. Eles vinham de Cuzco, “o umbigo do mundo”, ocupavam o Vale Sagrado, erguiam templos e fortalezas, faziam objetos de ouro e prata, mumificavam os mortos, reverenciavam as montanhas e as águas, cortavam as pedras em polígonos precisos e rasgavam “terrazas” nas encostas das montanhas, para o plantio e a colheita. Pelas frestas e declives da Sierra chegavam a Machupicchu.

Quase 500 metros acima do canyon do Urubamba, debruçada sobre o abismo, num vertiginoso convívio com a natureza vertical, Machupicchu descobriu-se da floresta que a protegia, em 1912 e 1913, quando o pesquisador norte-americano Hiran Bingham trouxe uma numerosa equipe dos EUA para ajudá-la a se desnudar. A fortaleza dos incas se pôs ao sol, com as suas casas quase intactas; o setor agrícola, formado de “terrazas” que produziam batata, milho e outros alimentos, contendo ao mesmo tempo a erosão; as fontes; a área de produção e armazenamento; o “cemitério inferior”; o torreão; o mausoléu real onde Bingham encontrou múmias enfeitadas com objetos de ouro e prata; a Praça Sagrada; o Templo das Três Janelas; a extraordinária pedra do “cemitério superior; a Câmara de Tortura e a zona dos cárceres. Mais do que uma cidade misteriosa e mag-

nética, Machupicchu é um deslumbramento de pedra.

Todos ali se foram, no entanto. Ficaram apenas os turistas, as lhamas e alguns índios aprisionados nos labirintos da memória. Foram-se os guerreiros e os sacerdotes, os sábios e os artesãos. Foi-se o Império Inca. Desfez-se como areia, no leito da História. No mesmo rio de águas impiedosas, foram-se também os conquistadores espanhóis liderados por Francisco Pizarro. Nada os protegeu das corredeiras do tempo, nem suas espadas, nem seus cavalos, nem suas armaduras. Nem mesmo suas armas de fogo.

Num passado mais distante, o Nilo trouxe o Império Egípcio, hoje transformado igualmente em escombros. Os egípcios, como os incas, ou os aztecas, ou os maias, dominavam a matemática e a astronomia, desenvolveram técnicas incríveis de construção e irrigação. Falavam diretamente com os deuses. Ainda assim, desapareceram. Nos rios implacáveis da História, sumiram os assírios e os caldeus, afundou a Mesopotâmia; desmantelou-se o Império Romano; naufragou o Império Britânico, às margens do Tâmis; e o Império Soviético também foi carregado pelas águas turvas da mudança, estilhaçado e triste. Uma viagem ao Peru é um mergulho mais profundo nos enredos da aventura humana. Ela não nos fala somente dos incas e dos espanhóis. Fala de todos os impérios, de todos os regimes, de todos os poderes que os homens acumularam – e perderam. É uma visita aos mistérios indecifráveis do nosso passado. Um encontro com a fragilidade dos povos e das instituições. Esta viagem confirma que, ao fim e ao cabo, mesmo as construções mais sólidas se tornam ruínas.

Rodolfo Konder é escritor, professor, jornalista, tradutor, diretor do MASP e diretor cultural da UNIFMU.

Profa. Sonia

Revisão - Digitação

Aulas particulares

Tel.: (11) 6096-5716

portsonia@ig.com.br

José Afrânio Moreira Duarte se foi sem despedida

Rosani Abou Adal

Recebi um e-mail comunicando o falecimento do dileto amigo José Afrânio Moreira Duarte. Inconformada, liguei para Belo Horizonte para checar a triste informação que recebera. E realmente foi confirmado seu falecimento, ocorrido no dia 3 de junho, na capital mineira, vítima de um enfarte.

José Afrânio Moreira Duarte é escritor, contista, ensaísta, poeta, advogado, crítico literário, membro da Academia Mineira de Letras, da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e da Casa do Escritor.

O autor de *A Muralha de Vidro* nasceu em Alvinópolis, Minas Gerais, em 8 de maio de 1931, mas vivia em Belo Horizonte desde 1955. Bacharelou-se em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Estreou na literatura com a publicação do conto *Vingança de Caboclo*, no suplemento literário do *Diário Mercantil de Juiz de Fora*, no dia 31 de dezembro de 1950.

Colaborou em jornais e revistas do Brasil, de países da Europa e Américas. Dirigiu e editou a revista jurídica e literária *Plural*. Seus contos e poemas foram traduzidos para o espanhol, italiano, francês, inglês e húngaro.

Publicou dezesseis livros, nos gêneros ensaio, contos, crítica literária, artigos e um de poesia - *Tempo de Narciso*.

Participou de várias antologias em prosa e verso, dentre elas, *Brasil. Terra & Alma: Minas Gerais*, organizada por Carlos Drummond de Andrade.

O autor de *Azul: Estranhos Caminhos* está incluído em enciclopédias, dicionários e livros especializados em literatura nacional, no Brasil e nos Estados Unidos da América do Norte.

Foi agraciado com 32 prêmios literários: *Sílvio Romero*, de crítica, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Opinião Literária*; as medalhas *Henriqueta Lisboa* e *Centenário de Murilo Mendes*, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro; a Medalha da Inconfidência e a Medalha do Centenário de



José Afrânio Moreira Duarte

Belo Horizonte, pelo Governo de Minas Gerais, entre outros prêmios.

Inúmeras foram as nossas correspondências e telefonemas. Imensa alegria quando o telefone tocava e escutava a sua voz. Mas, um dos dias mais felizes foi quando veio a São Paulo e o acompanhei todos os dias em que permaneceu na capital paulista.

Além de colaborador do *Linguagem Viva*, divulgava o jornal no Brasil e no exterior. Certa vez me falou que lia todo o jornal, de ponta-a-ponta, inclusive os anúncios.

José Afrânio Moreira Duarte não foi apenas um escritor de destaque nos nomes das nossas Letras, foi também um grande agitador cultural. Trabalhou pela divulgação do escritor brasileiro no Brasil e no exterior. Foi um incentivador, um ser humano de inúmeras qualidades, um amigo sincero e fiel.

O seu falecimento deixa uma lacuna na nossa Literatura e, principalmente, nas nossas vidas. José Afrânio Moreira Duarte se foi sem despedida porque homens como ele nunca morrem, ficam para sempre nos nossos corações.

Não me despedirei de você, meu amigo. Só espero que faça uma boa viagem.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista, publicitária, membro da Academia de Letras de Campos do Jordão e 2ª vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

O estilo é o próprio homem

(Buffon)

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior

Conquanto se tente, no campo de estudos da estilística, a definição mais precisa e completa de estilo, ficamos com a de Buffon, que nos oferece o título do presente texto. Poderão observar que não é a mais completa, entretanto para nós se configura aquela que mais a fundo vai à essência da definição de estilo.

Quando lemos os grandes autores da literatura universal, não é difícil identificarmos o quanto seus estilos estão intimamente ligados às suas próprias experiências de vida, às suas concepções de mundo. Parece-nos correto afirmar terem sido as experiências desses homens com o

ambiente que os cercou, a fonte moldadora de seus estilos.

Analisemos um exemplo especialíssimo na literatura *Caetés*, brasileira, o do grande mestre Graciliano Ramos. Tendo publicado seu primeiro livro, quando já passava dos quarenta anos, tal era sua preocupação em não levar ao público uma obra mal acabada e imperfeita, que nela já era possível vislumbrarmos sua concisão e elegância de estilo, bem como suas concepções filosóficas acerca do homem.

Decorridos cinco anos de sua estréia literária, ao dar a lume seu clássico *Vidas Secas*, ganharia nossa literatura uma de suas maiores obras. Difícil é encontrarmos quem leia a saga dos retirantes nordesti-

nos, expulsos de seu ambiente por uma estrutura social perversa e desumana, sem ser levado à emoção. Em *Vidas Secas* temos a oportunidade de entrever a extrema preocupação do escritor alagoano com a depuração do estilo. Estilo no qual sequer uma palavra se faz supérflua. E é a biografia do mestre a nos indicar que em sua existência nada se fez excessivo. Seu comportamento ético, sua coerência de prin-

cípios e a arte depurada que nos legou dão-nos o panorama de seu incessante trabalho de compreensão do mundo.

A busca da perfeição de estilo em Graciliano o levava a passar horas reescrevendo um único parágrafo, uma única frase. Certa feita, confidenciou ao amigo e também escritor Antonio Olavo Pereira ter passado uma madrugada inteira

em claro a reelaborar o primeiro parágrafo de um conto que lhe haviam encomendado.

Pelo exemplo de Graciliano, devemos ter nítido o fato de jamais hesitarmos reescrever nossos textos, mesmo que não pretendamos produzir uma obra de arte, pois quantas vezes já não nos defrontamos com textos que pela falta de clareza nos levaram ao desânimo e ao cansaço? Que o exemplo do mestre Graça, como era carinhosamente chamado por seus amigos, seja evocação sempre presente para nós.

Angelo Caio Mendes Corrêa Junior é professor e mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP).



Graciliano Ramos



S e b o

Livraria Brandão

Compram-se bibliotecas e lotes de livros usados. Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbususedbookshop.com.br

O DIVÓRCIO DE LADY MARY-ANN CONSTANCE

Hersch W. Basbaum

Amanhecia em Enderby Hall. Mais um glorioso dia de uma formosa primavera. Enderby Hall era o nome da mansão, uma grande casa vitoriana, quase um castelo, erguido no coração de Crowley-on-Dale, nos tempos em que a majestosa Grã-Bretanha era o centro do mais poderoso império sobre a face da terra. Havia sido construída por Lord Cornelius Abwertton, Comandante da Marinha Real que teria cruzado todos os ingleses mares desde os gloriosos tempos do grande Almirante Nelson.

Talvez tenham sido os passarinhos que fizeram com que Lady Mary-Ann Constance Abwertton Cunningham despertasse de seu suave sono, sem sonhos, conforme aliás era sua característica. O mundo, seu castelo, sua família, ela própria, bonita e saudável, já representavam o sonho mais lindo que alguém poderia sonhar.

Em pouco tempo Lady Mary-Ann Constance já estava pronta para descer, orientar a criadagem, distribuindo as tarefas do dia, e inspecionar toda a propriedade em seus mínimos detalhes, sua rotina diária.

A primeira coisa a fazer, como sempre, era abrir as enormes cortinas do salão azul, local onde ela e o marido, Sir Albert Joseph Cunningham, saboreavam o farto breakfast, trazidos em um carrinho-de-chá, pelo fiel mordomo Mr. Sloam, figura famosa por decorar com flores tudo o que fazia, inclusive as palavras empregadas, nas poucas vezes em que falava. Optara por um constante e respeitoso silêncio, em-

bora atento. E vê-lo desfilar pelo longo corredor, que levava da copa ao salão azul, empurrando o carrinho cercado de flores, era algo a ser filmado e guardado para sempre ou exibido em escolas ou cursos de etiqueta e sofisticação.

O salão azul era o preferido, pois lá estavam as peças de jade, esculturas africanas, a coleção de prata, trazidas por Sir Albert Joseph lá do centro daquele continente miserável, vizinho de Itália e França.

Lady Mary-Ann Constance abre as cortinas de rico brocado e veludo e deixa entrar os primeiros raios de um exuberante sol daquela eternamente bela Inglaterra. Cuidou para que o sol não alcançasse o retrato do velho Lord Cornelius situado sobre a lareira, quadro famoso, pois que fora pintado por Sir Archibald Frinley, artista predileto da Rainha Vitória. Limpou, ligeiramente, as taças de sherry que estavam em cima de uma bandeja de prata, ajeitou os vasos de crisântemos e sentou-se em sua cadeira predileta, uma chippendale que lhe fora presenteadada pela cunhada, Lady Fanny Cunningham Frosley e pôs-se a admirar o seu jardim e a observar os pássaros brincando sobre as árvores e flores, cantando alegremente. Lá, ao fundo, podia ver os limites de sua terra, demarcadas que foram com a construção da estrada de ferro, aquela horrível ferrovia que levava estranhas pessoas e coisas para o norte, talvez a Escócia, lá no fim do mundo...

Não viu Sir Albert Joseph Cunningham entrar no Salão Azul. Mas não seria preciso vê-lo para saber que ele estava lá, pois que isso também era parte da rotina que se

repetia há quase 50 anos. Ele, trazendo um elegante robe-de-chambre bordô, e calçando pantufos de cetim, vai silenciosamente em direção à pequena mesinha onde se achava o seu jornal predileto, The Times, que Mr. Sloam diligentemente colocava, toda manhã e sempre à mesma hora.

"Posso ordenar o breakfast, Albye Jo?", perguntou, sem olhá-lo, Lady Mary-Ann Constance, com sua indefectível mania de abreviar os nomes das pessoas. Era assim todos os dias, as mesmas perguntas, à mesma hora, e as mesmas respostas. "Sim, querida!", respondia, também sem olhá-la ou sequer voltar-se, Sir Albert Joseph, enquanto ajeitava-se em sua poltrona favorita e começava a folhear o jornal. Geralmente ia direto à seção de necrológios, para saber, desde logo, quem não iria ao Clube àquela tarde.

"Mas olha só!", exclamou, "Foi-se o Conde de Weltsmanshire... e relativamente moço. É... 79 anos, hoje em dia, é quase um rapaz!". Fecha o jornal, olha para o teto, e completa: "Bem.. já foi tarde. Era um bilontra... muito chato. Os herdeiros começarão logo, logo, a brigar pelas terras do Condado". Permanece alguns segundos pensativo e retoma a leitura. Mas antes sua atenção é despertada pelo trem que, à distância, desenhava os limites a norte do amplo terreno de sua mansão. "A primeira estação, Somerset-On-Avin", lembrou-se, "foi onde tudo começou...".

Lady Mary-Ann Constance, novamente de pé, ainda examinava o seu formosíssimo jardim. O grama-do, como sempre, impecável, mais verde do que a própria cor, fornecen-

do lindo contraste com as árvores floridas e multicoloridas, já exuberantes, renascendo após rigoroso inverno. "George é mesmo um jardineiro cuidadoso", pensou, "não posso esquecer de cumprimentá-lo hoje". Ela estava mesmo maravilhada e sorria sozinha.

Seu êxtase, contudo, é interrompido pela voz de Mr. Sloam. "Com licença! Trago o desjejum". E entra empurrando o carrinho, parando, no lugar de sempre, nem um milímetro a mais ou a menos, próximo à poltrona de Sir Albert Joseph. "Bom dia, Sir!", diz Mr. Sloam e nada além disso. O cumprimento era o suficiente para dizer que o desjejum estava pronto e servido e que já iria saindo, mas que estaria próximo, atento a qualquer chamada, a qualquer momento.

Como sempre, sem esperar pela esposa, Sir Albert Joseph começa a servir-se, colocando chá em sua xícara e um pouco de leite. Ainda de pé, próxima à janela, Lady Mary-Ann Constance, exclama: "Look, honey... as quaresmeiras estão florindo, lindas!". Sem nenhuma alteração ou gesto diferente do que habitualmente fazia, Sir Albert Joseph, enquanto passava geléia de framboesa em uma torrada, diz: "Ora, Lady Mary-Ann Constance ... enfia as quaresmeiras no cu". Leva a torrada à boca e sorve ligeiro gole de seu chá, com os olhos atentos para o jornal.

Hersch W. Basbaum é escritor, publicitário e diretor da União Brasileira de Escritores.

**Especializada em
importação direta de
livros portugueses.**



**Livros de todas as áreas de editoras portuguesas,
Cds, artesanato e galeria de arte.**

**Desconto de 10% para advogados, juristas,
professores e estudantes.**

**Aceitamos encomendas de livros de editoras nacionais.
Prazo de entrega: 15 dias.**

**Galeria Louvre, loja 20 - Av São Luis, 192 - Centro - São Paulo -SP
E-mail: livrariacoimbra.pt@ig.com.br
Tel.: (11) 3120-5820 – Telefax: 3258-9105**

Lendo Emily Dickinson

Emanuel Medeiros Vieira

Para Célia de Sousa

Poderia ser 1886,
quando nasceste,
mas é 2008,
chuvoso domingo de março,
não publicaste livro em vida (o que menos importa).
"Ela chegou afinal, mais ágil porém a Morte
Havia ocupado a casa:
A pálida mobília já disposta,
Junto com sua palidez metálica" (...).
Só poeira e esquecimento,
nada dura,
Felicidade efêmera – ler teus poemas, Emily.

**Emanuel Medeiros Vieira, escritor, crítico literário e de cinema,
jornalista e advogado, pertence à Associação Nacional de Escritores.**

Presença

Para Aluísio Mendonça Sampaio - In memoriam

Carlos Frydman

A alma quando é boa,
Está sempre amanhecendo.

Alma fértil é aquela
amalgamada na amizade,
ensolarando na invernia.

Amizade não é promessa mútua,
é fomento uníssonos
na proximidade sem tempo,
sem circunstâncias.

Amizade é exortação cristalina,
como duas crianças brincando,
empenhando-se na espontaneidade
- permanência criadora sem acordos,
sem oráculos lucubrados.

Amizade tem emanação momentânea e etérea,
com poder nos olhos, na palavra e no silêncio
que aflora lúdicas seriedade
em devoção, com ou sem palavras.

Amizade é presença sem sombras
que a morte não consegue apagar.

Dos amigos fica em nós,
uma acalentada ausência,
cuja lembrança nos une
neste disperso mundo.

**Carlos Frydman é escritor, poeta e
conselheiro da União Brasileira de Escritores.**

AFONSO SCHMIDT

Paulo Bomfim

Amanheci com saudade de Afonso Schmidt. Tive vontade de sair para procurá-lo ou telefonar para a Publicidade "Sem Rival" ou para o Clube do Livro e deixar um recado para que ele se comunicasse comigo assim que chegasse. Senti falta de nossos encontros quase sempre casuais, de sua prosa moça, de nossos grandes silêncios.

Lembrei-me daquela noite tão significativa para mim, quando em casa de Samuel Pessoa, um homem de olhos de menino prestava atenção num menino que pretendia ter olhos de adulto.

Até hoje não sei bem se Afonso Schmidt partiu mesmo ou apenas deu mais uma de suas sumidas, daquele evaporar-se tão comum ao "Menino Felipe". Sim, deve estar viajando, certamente está viajando. Cansou-se de vagabundear liricamente, de percorrer países exóticos, de conviver com marinheiros, gaivotas e boêmios de toda parte do mundo.

A esta hora estará parado em alguma esquina do universo, de cigarro no canto da boca, mãos nos bolsos, conversando com os heróis humildes que pereceram na luta pelo pão de cada dia, com seus revolucionários que adentraram a eternidade com uma rosa de sangue na camisa, com Paulo Eiró ou com São Francisco de Assis. Na certa prepara novas procuras e

Foto de Adiriano Nogueira



Afonso Schmidt

Desenho de Jane Blumberg, da Galeria dos Presidentes da UBE.

embarcará como passageiro clandestino numa nuvem que passa rumo ao desconhecido, ou será convidado de honra do Pequeno Príncipe para uma estada em seu planeta mágico.

Sim, porque Afonso Schmidt onde quer que se encontre, na dimensão que percorra, em toda estrela onde chegue, será sempre o irmão amado que retorna, cidadão do cosmos que leva apenas como passaporte um coração que abre todas as portas e é válido em todos os reinos.

Paulo Bomfim é escritor, poeta e membro da Academia Paulista de Letras.

AULAS DE PORTUGUÊS
Gramática, Literatura, Redação,
Interpretação de Textos

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS
Ensino Fundamental, Médio e
Superior, Vestibular, Concurso

AULAS DE FILOSOFIA
• Consultoria em Textos
da sua Área de Atuação
Graduação, Mestrado e Doutorado

Pra Saber

www.prasaber.com

Telefone: 11.3062.9970
E-mail: prasaber@uol.com.br
Rua Artur de Azevedo, 726
05404.001 Pinheiros São Paulo SP

AULAS DE PORTUGUÊS
Gramática, Literatura, Redação,
Interpretação de Textos

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS
Ensino Fundamental, Médio e
Superior, Vestibular, Concurso

AULAS DE FILOSOFIA
• Consultoria em Textos
da sua Área de Atuação
Graduação, Mestrado e Doutorado

Pra Saber

www.prasaber.com

Telefone: 11.3062.9970
E-mail: prasaber@uol.com.br
Rua Artur de Azevedo, 726
05404.001 Pinheiros São Paulo SP

AULAS DE PORTUGUÊS
Gramática, Literatura, Redação,
Interpretação de Textos

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS
Ensino Fundamental, Médio e
Superior, Vestibular, Concurso

AULAS DE FILOSOFIA
• Consultoria em Textos
da sua Área de Atuação
Graduação, Mestrado e Doutorado

Pra Saber

www.prasaber.com

Telefone: 11.3062.9970
E-mail: prasaber@uol.com.br
Rua Artur de Azevedo, 726
05404.001 Pinheiros São Paulo SP

AULAS DE PORTUGUÊS
Gramática, Literatura, Redação,
Interpretação de Textos

ORIENTAÇÃO DE ESTUDOS
Ensino Fundamental, Médio e
Superior, Vestibular, Concurso

AULAS DE FILOSOFIA
• Consultoria em Textos
da sua Área de Atuação
Graduação, Mestrado e Doutorado

Pra Saber

www.prasaber.com

Telefone: 11.3062.9970
E-mail: prasaber@uol.com.br
Rua Artur de Azevedo, 726
05404.001 Pinheiros São Paulo SP

KAFKA E A BONECA VIAJANTE

Ely Vieitez Lisboa

Escrever para crianças é uma tarefa árdua. O texto não pode ser erudito, nem coloquial. Há que se descobrir o tom exato que é a chave da porta do interesse infantil. Poucos autores conseguiram tal façanha e até mesmo os gênios, como Monteiro Lobato, às vezes tropeçou no exagero didático, ensinando demais. As lições, as mensagens devem ser sutis e atraentes, com a finalidade de encantar, seduzir, ensinando.

Descobrir o livro Kafka e a Boneca Viajante, de Jordi Sierra i Fabra, foi uma grande surpresa. Uma obra infanto-juvenil que recebeu o "Prêmio Nacional de Literatura Infantil y Juvenil", de 2007, concedido pelo Ministério da Cultura da Espanha.

As grandes editoras devem ter um faro especial. Em janeiro de 2008, a Martins Fontes lançava o livro no Brasil, em excelente tradução de Rubia Prates Goldoni e ilustrações de Rep Monserrat.

O que Kafka, tão filosófico, seco, árido, podia ter com o público infantil? Jordi Sierra i Fabra, no final do livro, agradece a César Aira, cujo artigo, "La muñeca viajera", publicado na última página do suplemento "Babelia", 2004, levou-o a escrever esta história, nos 80 anos da morte de Franz Kafka. Explica ao leitor como surgiu a narrativa: Franz Kafka morreu no sanatório Kierling, perto de Viena, aos 41 anos de idade. O encontro com a menina que perdeu a boneca e chorava desesperadamente, no parque Steglitz, em Berlim, em 1923, é comprovadamente biográfico. Kafka, tentando consolá-la, diz:

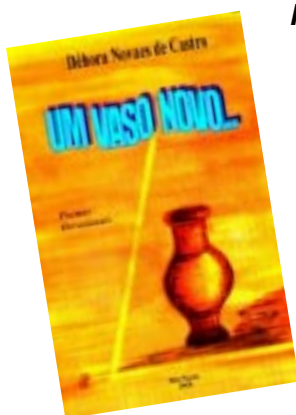
"Sua boneca não desapareceu. Ela foi viajar!". Após a mentira consoladora, ele teve que achar uma solução. Assim, transformou-se no carteiro de bonecas. Durante três semanas criou cartas lindas, que Brígida, a boneca, enviava de várias partes do mundo, a Elsi, sua dona querida.

Ora, sabe-se que o grande amigo de Kafka, Max Brod, não destruiu a obra do escritor, contrariando, felizmente, o pedido de FK. Mas as cartas que ele escreveu como sendo da boneca Brígida, jamais foram encontradas. Jordi Sierra i Fabra confessa que "permitiu a transgressão", recriou as cartas desaparecidas, assim como o final da história. O resultado é uma obra-prima de lirismo e lições de vida.

O livro "Kafka e a Boneca Viajante" está ao lado de obras notáveis sem público-alvo definido, assim como "O Pequeno Príncipe", de Exupéry. Tudo dependerá de quem tomar pela mão, o aluno, o filho e penetrar em um mundo pleno de beleza e grande achados. Talvez o pequeno leitor, sem orientação, perderá pérolas pelo caminho, lerá a história só no primeiro nível. Algo é certo. No mundo atual, contaminado pelos discutíveis jogos infantis, na Internet, quando as próprias animações, no cinema, raramente, são sutis e líricas, o livro de Jordi Sierra i Fabra é um antídoto, um elixir. Resta saber que mãos mágicas vão receitá-lo às nossas crianças, tão carentes de beleza e poeticidade.

Ely Vieitez Lisboa é escritora.
E-mail: elyvieitez@uol.com.br

Débora Novaes de Castro



Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - CATAVENTO - AMARELINHA.

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS -

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Opções de compra: via telefax (11) 5031-5463

Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo Cep 04634-040 -

E-mail: debora_nc@uol.com.br e Site: www.vipworkcultural.com.br

O ENCONTRO

Caio Porfírio Carneiro

Olhando pela janela, o carro na disparada, vi a casa dela. Um pouco distante da estrada, austera, mais envelhecida. O gradeado, que a cercava, enferrujado. Um pequeno convento, sozinho no descampado, árvores esparsas.

- Pare. Pare.

O motorista parou.

- Vá voltando. Até em frente daquela casa. Isso.

O carro ali ficou parado e eu olhando, olhando.

- Espere um pouco.

Desci, caminhei pela vereda estreita, parei diante do gradeado enferrujado.

Tentei abri-lo. Não consegui. Bati palmas. Pus as mãos em concha na boca e gritei. Um homem, apoiando-se numa bengala, veio vindo.

- Mora alguém nessa casa?

- Mora.

O vulto feminino apareceu na janela meio aberta, olhou, olhou, e veio calmamente. O homem se foi manquitolando e ela ficou ali parada, segurando o velho gradil. Olhei-a nos olhos. Olhou-me nos olhos.

Moveu os lábios, dentes falhos:

- Você.

Eu não tirava os olhos dela:

- É.

As mãos dela e as minhas aproximaram-se e não se tocaram. Olhamo-nos demoradamente, uma eternidade. Olhos nos olhos. Os dentes falhos dela voltaram a surgir:

- Você.

- É.

Minhas mãos soltaram a velha grade, as dela também. Ela voltou-se e caminhou lentamente em direção à casa e eu em direção ao carro. Vi-a entrar e fechar a porta e a banda da janela.

Na paisagem ficaram apenas a casa silenciosa no descampado e as árvores dispersas.

Acomodei-me no carro. Suspirei:

- Vamos.

Fortaleza, 02/06/2008.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

Vestibular & Concursos

Sonia Adal da Costa



1) Assinale a alternativa correta:

- Ele aspira o cargo de gerente.
- O cônsul visou ao passaporte.
- Prefiro doce do que salgado.
- Assisti a um bom filme ontem.
- Aspirei ao pó da estrada.

Resposta: Letra D.
Assistir no sentido de ver pede preposição a.

Corrigindo:

a) Aspiro ao cargo.

Aspirar = almejar, querer pede preposição a.

Aspirar = cheirar, absorver é transitivo direto, portanto sem preposição.

b) Prefere-se uma coisa à outra. – O correto seria prefiro doce a salgado.

2) Qual dessas palavras está correta?

Desinteria, impecilho, privilégio, beneficente e bandeija.

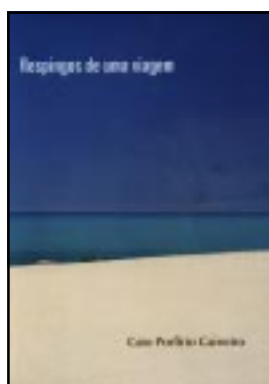
Resposta: Beneficente

Corrigindo: disenteria, empecilho, privilégio e bandeja.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. E-mail: portsonia@ig.com.br

Livros e Lançamentos

O SENHOR MORTE, ficção de Zaiden Geraige Neto, Scortecci Editora, São Paulo, SP. O autor é advogado formado pela PUC/SP, Mestre e Doutor em Direito pela mesma Universidade, professor universitário e pós-graduado em MBA executivo pela Fundação Getúlio Vargas – FGV. A obra é um romance policial de ficção que narra a história de Ruth, estudante de Direito no Brasil, que decide fazer a monografia final na área de Medicina Legal e passa a ter contato com seu professor Dr. Jonas Stuntglass, e um romance se inicia. **ONDE COMPRAR: Scortecci Editora** – Livraria Asabeça: <http://www.asabeça.com.br/home.php> - Livraria da Lua: <http://www.livrariadalua.com.br/home.php>



Respingos de uma viagem, minicontos de Caio Porfírio Carneiro, edição do autor, São Paulo, 32 páginas. O livro foi editado com o apoio cultural do Amigos do Livro. As histórias foram, escritas uma por dia, durante uma viagem de férias. Caio Porfírio Carneiro, escritor, ficcionista, romancista, novelista, contista e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores, tem mais de 20 livros publicados. O autor de *Trapiá*, livro de estréia que foi adotado recentemente pela Universidade Federal do Ceará, completará 80 anos, no dia 1 de julho. **Caio Porfírio Carneiro:** caio@ube.org.br

DEMÊNCIA: O RESGATE DA TERNURA, de Misa Ferreira, Scortecci Editora, São Paulo. O primeiro livro da autora reúne textos de relações familiares, que enfocam as agruras da convivência com uma paciente – sua mãe que sofre do mal de Alzheimer -, que são mescladas de ternura em uma verdadeira história de amor entre mãe e filha. **ONDE COMPRAR: Scortecci Editora** – Livraria Asabeça: <http://www.asabeça.com.br/home.php> - Livraria da Lua: <http://www.livrariadalua.com.br/home.php>



Conceito de Literatura Brasileira, de Afrânio Coutinho, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 112 páginas. O autor, jornalista, escritor, médico, crítico literário, catedrático da antiga Universidade do Brasil e membro da Academia Brasileira, faleceu em 2000. Afrânio Coutinho é autor da Enciclopédia de Literatura Brasileira, editada em parceria com J. Galante de Sousa. A obra reúne ensaios da tese de livre-docência em Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A primeira edição da obra foi lançada em 1960. Editora Vozes: <http://www.editoravozes.com.br/> - Tel.: (24) 2231-4676.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - Cjs. 62/64 -
São Paulo - SP - 01318-903 Tel.: (11) 3107-7589

FILA SEM VOLTA

Paulo Veiga

Sinto o pulso trêmulo, e quase a soluços para continuar. Mas, não poderia deixar de consignar os momentos de palestras diversificadas sobre Direito, vaidade profissional, literatura, risos e até sobre piadas nos encontros que mantínhamos.

Refiro-me às visitas a Aluysio Mendonça Sampaio antes de se mudar para o bairro de Campo Belo. Lá, continuou a se dedicar à literatura, à pintura e, principalmente, à prestigiosa *LB - revista da Literatura Brasileira* já consagrada há mais de dez anos em edições contínuas com abnegado auxílio da insigne esposa Esther Cremaschi Sampaio.

Não irei comentar as virtudes óbvias de escritor, a alta sensibilidade de pintor e a disposição de sempre colocar em evidência os intelectuais, setorialmente, de todo o país. Caio Porfírio Carneiro já exaltou, e o fez melhor do que eu poderia fazê-lo, as invejáveis qualidades natas de Aluysio.

Lembro-me dos agradáveis momentos em seu escritório. Uma vez apontou a longa fila de encadernados numa estante e me disse: Não sei por que tive o trabalho de encadernar os acórdãos que proferi durante a minha magistratura. Está aí, não serve para nada. Respondi-lhe que é válido cultuar uma vaidade profissional. Quanto ao conteúdo das decisões, dada à dinâmica do Direito do Trabalho, perde-se a eficácia, mas aproveita-se o que é doutrinário; vinga para posterior consulta.

Suas decisões na 6ª Turma do TRT, invariavelmente, repercutiam. Haja vista a decisão sobre a greve dos operários no ABC, liderada pelo Lula. Ainda a repercus-

são sobre decisões em Embargos de Terceiros se caberia Recurso Ordinário ou Agravo de Petição. O acórdão proferido por Aluysio foi lapidar a fazer parte do ementário jurisprudencial.

Tive a oportunidade de sustentar várias ações naquela Egrégia Turma, entre tantas, uma presidiada pelo Aluysio, relatada pelo Exmo. Juiz Sylvio Netto de Almeida Prado. Esse processo da comarca de Jundiaí trouxe uma ementa de repercussão e de utilidade para citações em arrazoados pertinentes a objetos de causas patrocinadas por colegas advogados.

A última vez que estive em seu escritório, mostrou-me e comentou, de modo como realizado, a tradução do famoso e conhecido "The Raven", O Corvo. Ficou de me dar uma cópia, mas voltamos a nos encontrar muito mais tarde, em um lançamento, no Planeta's Restaurante. Estava alegre e comunicativo como sempre.

Voltaire dissera: "Deus, se existe salve a minha alma se é que a tenho". Destaco aqui "alma" como metáfora, fora da crença em que Deus soprando o barro animou o homem, isto é: deu-lhe alma. Refiro-me à aura e ao energismo do homem justo, inteligente, culto, bondoso, admirado pelos amigos e pelos escritores de todo o Brasil que ele sempre pôs em evidência pela Revista LB. Todos os seus amigos salvaram a sua aura.

A vida é uma fila que segue sem volta, que cada passo representa um ano; pois a criança, geralmente, dá o primeiro passo seguro com um ano de idade. Aluysio Mendonça Sampaio não conseguiu completar o octogésimo segundo passo.

Paulo Veiga é escritor e advogado.

Moda
Belíssima
Com qualidade e elegância

Roupa
Européia

Av. São Luís, 218 – 01046-000 – São Paulo – SP
Tels: (11) 3120-5820 - 3258-9105

Notícias



Rosani Abou Adal

Rosani Abou Adal foi agraciada, no dia 13 de junho, com um diploma da Câmara Municipal de São Paulo em homenagem ao Dia do Jornalista de Bairro, pela sua atuação como jornalista responsável do *Farol Vip Brás*. A sessão solene, presidida pela vereadora Myryam Athie, aconteceu no Salão Nobre da Câmara e contou com a presença de representantes de jornais de bairro.

Alice Sukys Massa (Alice Massa), escritora, poetisa e contista, faleceu no dia 3 de junho. É autora de *Tília o Arquipélago das Mutações (contos, Scortecchi Editora, 1993)*, entre outros livros. Exerceu o cargo de presidente do MAEPO – Movimento de Artistas, Escritores e Poetas de Osasco.

Yuri Felshinsky foi convidado pela Editora Record e Câmara Brasileira do Livro para participar do Salão de Idéias, uma das atrações culturais mais concorridas da Bienal Internacional do Livro de São Paulo, que acontecerá de 14 a 24 de agosto no Anhembi, em São Paulo.

CEM ANOS DE IMIGRAÇÃO JAPONESA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ARTE, livro organizado por Francisco Hashimoto, Janete Leiko Tanno e Monica Setuyo Okamoto, foi lançado pela Editora UNESP. A obra abriga compilação de depoimentos de personalidades nipo-brasileiras, dentre as quais a professora TERUKO ODA, haicaísta do Grêmio Haicai Ipê.

Dois caminhos: um olhar, exposição de haicais, poesia tradicional japonesa, que tem como fonte de inspiração a natureza, acontece de 20 de junho a 26 de julho, das 9 às 21:30 horas, no SESC São Caetano. A exposição conta com a assessoria de Teruko Oda e fotografias de Du Zuppani.

A 8ª Bienal Internacional do Livro do Ceará acontecerá de 12 a 21 de novembro, no Centro de Convenções do Ceará, Av. Washington Soares, 1141, Bairro Edson Queiroz, em Fortaleza, CE.

O II Festival Internacional de Poesia aconteceu de 13 a 15 de junho, em Dois Córregos (SP), com a realização do Instituto Usina dos Sonhos em parceria com a Prefeitura de Dois Córregos, com apoio da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo, União Brasileira de Escritores e Câmara Brasileira do Livro. O evento, que abrigou saraus, oficinas culturais e seminários, contou com a participação de Levi Bucalem Ferrari, presidente da UBE, de Teruko Oda, entre outros.

O Salão Nacional de Poesia Psu Poético está com inscrições abertas para poemas até o dia 29 de agosto. Também poderão ser inscritas propostas de instalações de poesia visual e artpostal, além de performances, recitais, esquetes teatrais, intervenções, palestras, debates, vídeos, músicas, danças, pocket show, lançamento de livros, CDs e demais manifestações culturais. O evento, que tem como tema a **Linguagem Poética no Século XXI**, é uma realização da Prefeitura de Montes Claros, através da Secretaria Municipal de Cultura, em parceria com a Universidade Estadual Montes Claros. Informações através do site www.psiupoetico.com.br

A Pessoa na Educação e Saúde: Desafios na contemporaneidade, curso ministrado por Leda Moreno e Margaréte May, promovido pela Edições Loyola, acontecerá no dia 26 julho, sábado, das 9 às 14 horas, na Rua 1822 nº 347, em São Paulo.

Arquitetura Sagrada no Brasil, curso ministrado por Gabriel Frade, com participação do arquiteto Benedito Lima de Toledo, promovido pela Edições Loyola, acontecerá no dia 12 de julho, sábado, das 9 às 17 horas, na Rua 1822 nº 347, Ipiranga, em São Paulo. Informações através do site www.loyola.com.br/cursos ou pelo telefone (11) 6914-1922, ramal 250.

COMPADRE JABU - histórias de jabuti, de Ruth Guimarães, foi lançado pela Editora USINA DE IDEIAS, Coleção Projeto Macunaíma vol. II.

Raquel Naveira, Tonho França, Celso Alencar, Álvaro Alves de Faria, Carlos Felipe Moisés, Francisco Moura Campos, Hamilton Faria, Helena Armond, Renata Pallottini, Renato Gonda, Letícia Naveira, entre outros poetas participaram da QUINTA POÉTICA, que aconteceu no mês de maio na Casa das Rosas.

Najmeh Shobeiri, professora de literatura, está organizando na universidade em que leciona em Teerã, uma estante dedicada à literatura brasileira. Autores brasileiros interessados em fazer doações de livros, poderão enviar suas obras para Najmeh Shobeiri - P. O. Box: 93135-815 – Nishaboor – IRAN.

O Segredo da Longa Vida, segundo livro infanto-juvenil da escritora e educadora Lúcia Maria Teixeira Furlani, foi lançado pela Unisanta/Global. A obra faz uma homenagem especial aos primeiros imigrantes japoneses que chegaram no Brasil.

A Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pelo Instituto Pró-Livro ao Ibope Inteligência, constatou que o brasileiro lê, em média, 4,7 livros por ano.

Inscrições abertas para o Concurso da Associação de Escritores de Bragança Paulista, para as categorias prosa e poesia, até o dia 31 de julho. Poderão ser inscritos trabalhos em língua portuguesa, digitados em um só lado do papel, fonte time news roman, corpo 12, em três vias. É obrigatório o uso de pseudônimo. Os poemas deverão ter no máximo 30 linhas e a prosa, conto ou crônica, no máximo três páginas. Premiação: participação gratuita na antologia aos três primeiros colocados, os demais poderão participar em regime de cooperativa. O regulamento e a ficha de inscrição no site www.asesbp.com.br. Informações com Henriette, henriette2007@terra.com.br - (11) 4033.3609, ou com Cida Moreira, appmoreira@yahoo.com.br - (11) 4032.7163.



Izacyl Guimarães Ferreira

Discurso Urbano, livro de poemas de Izacyl Guimarães Ferreira, lançado pela Scortecchi Editora, foi o vencedor do PRÊMIO ABL DE POESIA 2008, instituído pela Academia Brasileira de Letras. Izacyl Guimarães Ferreira, autor de 14 livros de poesia, foi agraciado com o *Prêmio Hipocampo* para autores inéditos, com a obra *Os endereços* e recebeu menção honrosa da Casa de las Américas, de Cuba, com *Ocupação dos sentidos*. A solenidade de entrega do prêmio acontecerá no dia 17 de julho de 2008, no Petit Trianon, da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

Os Amantes da Literatura Fantástica poderão se interar dos eventos, lançamentos de livros, filmes etc no site www.universofantastico.com.br, que abriga textos, contos, artigos e endereços de sites.

Um Debate Entre Maurice Merleau-Ponty e Jean Piaget, curso ministrado Alfredo Fernandes, acontecerá na Casa de Cultura PraSaber, nos dias 5, 12, 19, 26 de julho, aos sábados, das 14 às 16 horas. Alfredo Fernandes, doutor em Filosofia pela FFLCH da USP, professor de Filosofia, é pós-doutorado na Universidade de Genebra, onde foi mestre de ensino e de pesquisa na FAPSE, pesquisador nos Archives Jean Piaget e membro da Societé Jean-Jacques Rousseau. Informações e inscrições através do telefone (11) 3062-9970 ou pelo e-mail prasaber@uol.com.br. Casa de Cultura PraSaber: Rua Artur de Azevedo, nº 726 – Pinheiros - 05404.001 – São Paulo - SP. Site: www.prasaber.com

O Sarau Conta - Ação: PAI CONTRA MÃE – de Machado de Assis acontecerá no dia 29 de junho, domingo, das 18 às 20 horas, no Espaço Cultural Alberico Rodrigues. O evento com a participação da atriz e arte educadora Dirce Couto e do compositor e intérprete Jean Garfunkel. Os ingressos custam R\$ 10,00. Espaço Cultural Alberico Rodrigues: Praça Benedito Calixto, 159, Pinheiros, em São Paulo. Telefones: (11) 3064-3920 e 3064-9737. Site: www.espacoalberico.com.br

Linguagem Viva

www.linguagemviva.com.br

Novo Telefone:

2693-0392